



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Shakespeare e The Beatles: genialidades que marcaram gerações

Ana Beatriz Santana Andrade^I

A obra intitulada *Shakespeare e os Beatles: o caminho do gênio*, escrita por José Roberto de Castro Neves^{II}, não se trata de uma análise comparativa. Mas de uma análise das semelhanças entre as obras da dramaturgia shakespeariana, produzidas no período de 1590 a 1614, e as produções musicais da banda The Beatles (John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr), entre os anos de 1963 e 1969. Divido em 10 capítulos, dos quais 06 são dedicados à relação entre as produções do Bardo (Shakespeare) e dos Fab Four (The Beatles), o livro direciona o nosso olhar também para as trajetórias pessoais das cinco biografias, que serão aqui, como também é no livro, apresentadas como duas personalidades, considerando os quatro integrantes da banda uma unicidade.

O prefácio, assinado por Geraldo Carneiro^{III}, aborda a excentricidade da proposta da obra, bem como questiona se haveria, realmente, pontos de similaridades a serem, solidamente, apontados entre o dramaturgo e a banda. Mas essa reflexão não passa do primeiro parágrafo e, ao longo do seu texto, ele nos leva a um breve olhar panorâmico acerca da obra. Nos instiga, ainda mais, a querer descobrir o que está por vir nas próximas páginas.

Em seguida, vem a nota do autor. Nela, Neves fala do início de suas duas paixões: os Beatles e Shakespeare, nessa ordem, já que a primeira surgiu na infância e a segunda na adolescência. Desde então, as obras desses britânicos fazem parte de sua vida. Valendo-se da definição do crítico literário Harold Bloom acerca do que ele considera a maior faculdade de Shakespeare: “superioridade de intelecto, e, nisso, creio estar incluindo tudo”^{IV}, Neves afirma que, se tivesse que definir esse aspecto dos Beatles, apontaria “a superioridade da sensibilidade”.

O primeiro capítulo, intitulado *O gênio*, traz uma discussão acerca do conceito de inteligência e de genialidade, chegando à principal diferença do segundo com relação ao primeiro; além da inteligência, “... o verdadeiro gênio transforma o mundo ao redor. Cria novos paradigmas.”^V Como exemplos, Neves passa pela pintura, com Leonardo da Vinci; pela música, com Mozart; pela ciência, com Albert Einstein; literatura, com Shakespeare; e finaliza retomando a música, com The Beatles. E os considera verdadeiros agentes revolucionários de ruptura de padrões.

No capítulo dois, *Shakespeare e os Beatles existiram?*, Neves afirma que cada um, enquanto precursores de paradigmas, à medida que foram idolatrados, foram, também, perseguidos. Diante disso, no caso de Shakespeare mais notadamente, há um questionamento acerca de sua existência. A sua origem humilde e a falta de uma formação acadêmica que pudesse justificar sua tamanha inteligência para o que produzia, aliadas à não publicação de sua obra em vida, deram vazão, já no final do século XVIII, à ideia de que Shakespeare seria, na verdade, um pseudônimo “... de algum nobre que escreve sem querer ser identificado, servindo-lhe o anonimato para escapar de alguma punição ou para garantir a liberdade na abordagem dos temas.”^{VI} Teoria essa defendida por muitos e derrubada por Neves ao afirmar que ela “... é defendida exatamente por pessoas que não estudaram Shakespeare a fundo...”^{VII} Tirando a teoria (baseada em delirantes especulações) de que Paul McCartney supostamente morreu em um acidente de carro em 1966, sendo, então, substituído por um sócio de nome Billy Shears, o mesmo não pode ser dito com relação aos Beatles.

“Nesse ponto, os quase quatrocentos anos que separam Shakespeare dos Beatles fazem enorme diferença. Os registros por escrito, na época do Bardo, eram precários. Não havia fotos, filmes ou qualquer meio de gravação. Mesmo a imprensa tinha limitações. As próprias companhias teatrais não estimulavam que suas peças fossem publicadas, a fim de evitar que, a partir daí, servissem de modelo para o desempenho de outras trupes que disputavam o mercado das apresentações públicas.”^{viii}

Esse capítulo começa a explorar as similaridades entre as produções, considerando a sensibilidade notável nas produções dos rapazes de Liverpool e a forma como o Bardo explorou a natureza humana. “Suas peças são sublimes. Possivelmente, nenhum outro artista explicitou de forma tão vívida a natureza humana, a ponto de se dizer que não somos nós quem lemos Shakespeare, ele é quem nos lê.”^{ix} Começa, assim, a apresentação das semelhanças entre as obras dos artistas britânicos, a partir de uma analogia entre peças e canções.

O capítulo três, o mais curto de todos, intitulado *O caminho do gênio*, nos prepara para a forma como as análises que estão por vir serão apresentadas. Considera que houve um caminho semelhante percorrido pelo Bardo e pela banda, caracterizado por fases que vão desde um aprendizado, amadurecimento, passando por uma melancolia, atingindo uma certa maturidade e chegando ao “fim” com uma despedida. Fases essas apresentadas cronologicamente a partir de suas obras.

O capítulo seguinte, *Prólogo: aprendizado*, nos situa nas fases iniciais dos artistas (1590 – 1594 e 1963). Os contextos sociais e de produção intelectual da Inglaterra do séculos XVI e XX são apresentados. Ao longo do capítulo, Neves faz relação de partes de peças shakesperianas com músicas dos Beatles, num movimento que nos faz, enquanto leitores, além de imaginar o cenário da história, tal como fazia a plateia elisabetana, inserir uma trilha sonora nas cenas.

O próximos cinco capítulos são denominados de atos, assim como é dividida uma peça. Eles são apresentados cronologicamente e representam as fases pelas quais Shakespeare e os Beatles, e, conseqüentemente, suas obras, passaram ao longo do tempo.

O capítulo cinco, *Ato I: juventude (1594-1598 e 1963-1964)*, aborda os primórdios das produções. Abrange o período de 1590 a 1594, no caso de Shakespeare, e o ano de 1963, para os Beatles. Em ambos os momentos, esses artistas produziram para agradar ao público da época. Shakespeare escrevia para atrair a atenção do público, uma vez que a casa de espetáculo que ele utilizava era alugada e havia compromissos financeiros a serem cumpridos. Já na segunda metade do século XX, com o protagonismo da juventude e a ascensão do *rock'n'roll*, “As canções deveriam falar para essa juventude, a maior consumidora de discos. Ademais, os Beatles também eram jovens. Havia uma sintonia natural.”^x

Essa fase foi marcada, para ambos, também pela existência de censura; em 1592, quando Shakespeare foi duramente criticado; e em 1964, quando os Beatles atingiram um sucesso estrondoso nos Estados Unidos. As semelhanças seguem sendo apresentadas no estilo peças *versus* canções; além das influências do Bardo em composições dos Beatles. “Shakespeare e os Beatles, nessa época, testaram seus limites. Registraram o mundo dos jovens de forma profunda e intensa.”^{xi}

Já no capítulo seis, *Ato II: construindo a identidade (1598-1599 e 1965)*, o leitor é levado a acompanhar a quebra do padrão de tão somente atender às expectativas do público, mas também de ir construindo sua identidade. Paradoxalmente, esse processo aconteceu sem que fossem completamente deixados de lado os modelos que até então vinham funcionando. Nesse “ato”, o perfil das produções de Shakespeare recebe uma pitada de comédia e seus personagens passam por um “amadurecimento”. A fama e a rotina exaustiva dos rapazes de Liverpool também os fazem amadurecer. E quais semelhanças podemos encontrar entre, por exemplo, o *Soneto 145* e a canção *You've got to hide your love away?* Entre *Macbeth* e *Yesterday?* Esse capítulo nos

mostra e as torna óbvias. Assim como entendemos que *Muito barulho por nada* e *You're gonna lose that girl*, peça e canção, respectivamente, nos trazem uma mesma lição.

Seguindo o percurso, chegamos ao capítulo sete, *Ato III: melancolia (1599-1603 e 1965-1966)*. Shakespeare escreve a sua mais famosa tragédia, cujo nome foi inspirado no de seu filho morto ainda criança: *Hamlet*. Melancolia e introspecção muito semelhantes às presentes nas canções do álbum *Rubber Soul*. Cenas e canções são, mais uma vez, apresentadas como semelhantes em suas essências. O mesmo ocorre com o tom pessimista e depressivo de *Troilo e Créssida* e o álbum *Revolver*.

No *Ato IV: maturidade (1604-1608 e 1967-1969)*, é abordada a ascensão de Jaime VI ao trono inglês em 1603, em virtude da morte da rainha Elizabeth I, dando fim à dinastia Tudor. Assim, a frequência das apresentações das peças de Shakespeare mudou de 39 vezes ao longo de nove anos durante o período elizabetano para apresentações mensais; essa foi "... uma das primeiras medidas do novo rei..."^{XII}, que gostava mais de teatro do que a sua antecessora. Shakespeare chega ao ápice de seu reconhecimento. Séculos depois, os Beatles também conquistam a realeza britânica e fazem uma apresentação para a família real. Chegavam, igualmente, a um patamar até então inimaginável para aqueles jovens de Liverpool. O amadurecimento conquistado ao longo dos anos para ambos teve reflexos em suas obras. Já não havia tanto a preocupação única de produzir para agradar ao público. Mas também de "... explorar temas particulares, atendendo às suas demandas interiores."^{XIII} O que também acabou por gerar uma identificação por parte de quem lê Shakespeare ou ouve os Beatles até hoje.

Por fim nesse percurso cronológico, mas não do livro, temos o capítulo nove, *Ato V: despedida (1609-1614 e 1969)*. Em 1969, os garotos de Liverpool sentiram que deveriam parar. Sairiam de cena enquanto banda. Encerrariam uma jornada e deixariam, ainda sem terem noção disso, um legado. Shakespeare também soube a hora de parar e retornar para Stratford. "Nas suas últimas peças, Shakespeare se despede. Sua mensagem é a de que os nossos erros devem ser assimilados, digeridos, refletidos e, por fim, perdoados."^{XIV}

No capítulo derradeiro, *Epílogo. Nosso caminho com os gênios*, Neves questiona o leitor o que vem a ser um clássico. Ressalta a existência *bardolatria*, assim como há a *beatlemania*. Fenômenos mundiais. Lidos, ouvidos, sentidos e interpretados ao longo do tempo de diferentes maneiras sem que suas essências sejam perdidas. "Clássico, portanto, é aquilo que resistiu ao tempo."^{XV}

Notas

^I Doutoranda em História Comparada pela UFRJ, sob a orientação do Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard e integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente.

^{II} Doutor em Direito pela Universidade de Cambridge e professor de Direito Civil da PUC-Rio e da FVG-Rio.

^{III} Poeta, letrista, dramaturgo e roteirista brasileiro.

^{IV} NEVES, José Roberto de Castro. **Shakespeare e os Beatles: o caminho do gênio**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021, p. 24-25.

^V *Ibidem*, p. 31.

^{VI} *Ibidem*, p. 50-51.

^{VII} *Ibidem*, p. 52-53.

^{VIII} *Ibidem*, p. 55-56.

^{IX} *Ibidem*, p. 49.

^X *Ibidem*, p. 98.

^{XI} *Ibidem*, p. 125.

^{XII} *Ibidem*, p. 161.

^{XIII} *Ibidem*, p. 184.

^{XIV} Ibidem, p. 199

^{XV} Ibidem, p. 218

Obra resenhada

NEVES, José Roberto de Castro. **Shakespeare e os Beatles: o caminho do gênio**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.